

A relação entre o fazer musical¹ e o espaço escolar: um debate com professores de música

Comunicação

Monalisa Carolina Bezerra da Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
monalisacbs@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é um recorte de um trabalho de conclusão de curso², o qual teve por objetivo investigar possibilidades e dificuldades, que professores de Educação Musical, em atividade, no Ensino Básico da Rede Pública Federal e Municipal do Rio de Janeiro, encontraram para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas de música. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas junto a quatro docentes previamente selecionados. Os relatos mencionados foram analisados, a partir do modelo de ensino em linha e ensino não linear, de Marisa Fonterrada. Os depoimentos apresentam poucas semelhanças, o que sugere uma diversidade de possibilidades e dificuldades que os professores encontraram, durante sua experiência docente. O interessante, ao concluir essa pesquisa, foi ver que os professores encontraram, em sua trajetória docente, mais possibilidades, do que dificuldades para que o fazer musical estivesse presente em suas aulas.

Palavras chave: fazer musical, educação musical no ensino básico, experiência docente.

Introdução ao tema, objetivos e resumo de literatura

Esse artigo é baseado na pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Música, o qual tem por tema a relação entre o fazer musical e o espaço escolar no trabalho de professores de música. O objetivo é refletir sobre possibilidades e dificuldades que professores de música, do Ensino Básico, encontraram em sua experiência para conseguir “fazer” música em sala de aula, adequando-se a condições atreladas à realidade das escolas. Tal realidade inclui: a escassez de recursos materiais (instrumentos musicais), acústica e isolamento precário ou inexistente nas salas de aula, e a questão comportamental dos alunos.

¹ Baseado no modelo CLASP, proposto por Keith Swanwick em seu livro, *A basis for a music education*, editado em 1979, o qual trata de “uma proposta de desenvolvimento das atividades em música, que envolva a composição, a apreciação, a performance, a literatura de estudo e a soma de habilidades, abordando também a questão da educação musical como educação estética.” (BUENO; BUENO, 2009).

² Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido na Graduação em Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. José Alberto Salgado.

Esse tema começou a ser vislumbrado, após três situações: a primeira, durante uma aula na minha graduação em Licenciatura em Música, onde o professor da matéria comentou que seu colega, também professor, disse não ter tempo de fazer música em sala de aula. A segunda, após assistir uma Mesa Redonda em um Encontro Regional da ABEM, onde um dos convidados, também, já ouviu colegas dizerem que não tiveram tempo de fazer música em sala de aula. Por fim, a terceira situação se formou após uma conversa com uma professora que era minha orientadora de estágio, na época, a qual me ajudou a entender melhor o que seria interessante pesquisar nessa área.

A partir desses acontecimentos, surgiu o meu questionamento, em saber de que forma os professores conseguiam desenvolver um trabalho para que o fazer musical estivesse presente nas aulas de música, no espaço escolar?

Então, como o assunto do presente trabalho é a relação entre o fazer musical e o espaço escolar, é válido, primeiramente, refletir sobre o que é esse fazer musical e como que a experiência docente pode ajudar o professor a desenvolver um trabalho interessante com esse “fazer”, possibilitando uma experiência musical para seus alunos.

Esse trabalho se baseia no fazer musical em que Keith Swanwick apresenta em seu livro *A Basis for Music Education*³ (SWANWICK, 1979), onde, segundo Peres (2015, p.20), Swanwick fala, pela primeira vez, sobre o modelo C(L)A(S)P – sigla composta pelas iniciais, as quais o autor afirma ser atividades/parâmetros que deveriam estar presentes nas aulas de música: *composition* (C), *literature studies* (L), *audition* (A), *skills acquisition* (S) e *performance* (P)⁴. Essas atividades estão divididas em dois grupos: atividades centrais e periféricas. As centrais são C (composição), A (apreciação), P (performance), as quais são consideradas de maior importância, por serem atividades que possuem relação direta com a experiência musical dos alunos.

Já as atividades periféricas (L) e (S), as quais se encontram entre parênteses, servem de apoio à experiência musical. (L) faz referência aos estudos de literatura musical, trazendo informações sobre a música e (S) faz referência à aquisição de habilidades técnicas, viabilizando a execução musical.

³ Uma Base para a Educação Musical.

⁴ Criação (C), estudos de literatura (L), apreciação (A), aquisição de habilidades técnicas (S) e performance (P).

Embora essas atividades estejam divididas entre centrais e periféricas, Swanwick enfatiza que, na prática docente, todas as atividades devem estar interligadas de modo equilibrado para que a experiência musical seja a mais completa possível (SWANWICK, 1979, p. 44-48).

Então, para Educação Musical seria importante integrar as três modalidades do fazer musical (composição, apreciação e performance), pois possibilita ao aluno uma vivência de atividades de imitação e de imaginação, equilibrando-as, permitindo um desenvolvimento integral desse aluno. Além de que “através do envolvimento ativo com obras musicais próprias ou da literatura, os alunos desenvolvem progressivamente a sua compreensão musical, bem como competências funcionais (técnicas) que viabilizam a participação musical ativa.” (FRANÇA, 2006, p. 70).

Agora, focando na figura do professor de Educação Musical, ao trabalhar essas atividades que o fazer musical requer, na escola, é interessante discutir sobre pontos necessários da prática docente.

Segundo Gaulke (2013), a formação acadêmica inicial é, como o próprio termo sugere, apenas uma etapa da construção da docência, uma etapa importante, mas não suficiente para o trabalho docente em sala de aula. Os conhecimentos adquiridos na Universidade o ajudarão a planejar e compor atividades a serem realizadas durante as aulas, porém apenas na prática em campo, no ato de ensinar na sala de aula, que descobrirão como desenvolver o que foi planejado.

A construção do conhecimento prático está vinculada às vivências do profissional, “o que mostra a importância de se ter uma postura reflexiva, que considere a própria ação educativa e as experiências fora do ambiente escolar como pressupostos importantes na constituição da prática educativa” (BELLOCHIO; BEINEKE, 2005, p. 2). Nessa perspectiva, a construção da docência é entendida como aprender na prática, aprender fazendo, isto é, o professor aprende a ensinar, dando aula, formando assim, o que podemos classificar como sua experiência docente.

Como Bellochio (2003, p. 21) afirma, “o professor que ensina música precisa trabalhar com as incertezas e isso requer dele alternativas de trabalho, posturas e soluções criativas nas tomadas de decisões.” Além dessas experiências que a prática docente traz ao professor,

dessas incertezas características da sala de aula, ele também precisa ser criativo, não só no planejamento de atividades para sua aula, mas até para tomar decisões e solucionar problemas que surgem em seu trabalho, em sala de aula.

Outra concepção de experiência é a experiência musical, a qual segundo Del-Ben (2012, p. 58) é concebida como o centro da aula de música na escola, que é tempo e espaço de experimentar, explorar, praticar e vivenciar música. Portanto, a experiência não está atrelada só a experiência da prática docente, mas também a experiência musical que os alunos desses docentes têm que adquirir durante suas aulas de música. Por isso, volto a me referir ao fazer musical, ao “colocar a mão na massa” musicalmente, visto que, esse ato se torna de extrema importância na escola, pois esses alunos desenvolvem suas próprias experiências musicais, sendo capazes de tomarem decisões convenientes para si, em relação à música.

Como referencial teórico minha pesquisa está baseada no modelo de ensino em linha e ensino não linear, abordado no artigo “A linha e a rede” de Marisa Fonterrada (1997 apud LOUREIRO, 2004, p. 67), o qual me ajudou a interpretar também as falas dos professores entrevistados.

Nesse artigo, a autora afirma que para um efetivo processo de educação musical, precisa haver uma complementaridade dos dois modos extremos, ou seja, o método linear, ordenado, em interação com o não linear, baseado na experiência intuitiva, criativa e atual, onde a experiência da prática docente ajudará esse professor em saber equilibrar esses dois modelos em sua aula, permitindo que os alunos adquiram uma experiência musical enriquecedora, respeitando e trabalhando, também, a diversidade musical que há dentro da escola. (1997 apud LOUREIRO, 2004, p. 67).

Metodologia de pesquisa

De acordo com Salgado *et al* (2014, p. 95), “Em pesquisas com práticas musicais, a interlocução costuma ter papel central: o encontro entre pessoas que dizem e que se ouvem tem o potencial de se desdobrar em anotações, análise, interpretações, com vistas a uma compreensão do que acontece em tais práticas.” Baseando-se nessa prática de interlocução, esse trabalho é uma pesquisa fundamentada nas práticas musicais de docentes na escola, isto é, o trabalho musical desenvolvido dentro da sala de aula, de caráter qualitativa, a qual utiliza a

técnica de entrevistas semiestruturadas⁵, das quais pude fazer anotações, analisar as falas dos professores entrevistados, interpretá-las, associá-las, permitindo assim, a compreensão dessas práticas, gerando também dados empíricos para a composição desse trabalho.

Segundo Fraser e Gondim (2004, p. 145), uma das concepções da pesquisa qualitativa é compreender os significados e as vivências dos entrevistados, em determinadas situações ou eventos, além disso, esse “[...] entrevistado tem papel ativo na construção da interpretação do pesquisador” (FRASER, GONDIM, 2014). Por isso, optei por essa forma de pesquisa, pois me interessei em compreender as vivências e as experiências que meus entrevistados possuem, em seu ambiente de trabalho, além de poder contar com a ajuda deles para a minha interpretação de suas falas.

Também optei pela técnica de entrevistas semiestruturadas, utilizando uma das modalidades que Fraser e Gondim classificam como a fase a fase:

Àquela modalidade em que o entrevistador e o entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (o que é dito ou perguntado), às não-verbais (comunicação cronêmica – pausas e silêncios -, cinésica – movimentos corporais -, e paralinguística – volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor. (FRASER; GONDIM, 2004, p. 143).

Análise dos dados

Foram entrevistados quatro professores da rede de ensino público do Rio de Janeiro, dois de cada instituição escolar (Federal e Municipal), onde pude conversar pessoalmente com os quatro professores. As entrevistas pessoais foram individuais e gravadas em um gravador do meu celular.

Neste artigo serão usados nomes fictícios para esses quatro professores, por questões de preservação de identidade de cada um. Então, os dois professores da instituição federal de ensino são o Vitor e a Karina, sendo o primeiro, professor do Ensino Fundamental e Médio e a segunda, apenas do Ensino Fundamental. Já os outros dois professores, Carlos e José são

⁵ Uma forma de entrevista que segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais, que oriente a condução da mesma, mas que de forma alguma impeça o aprofundamento de aspectos que possam ser relevantes à compreensão do objeto ou do tema em estudo (FRASER; GONDIM, 2014, p. 145).

docentes da instituição municipal de ensino e ambos atuam como professores do Ensino Fundamental.

O roteiro das entrevistas estava baseado em quatro perguntas gerais para orientar a condução da mesma, porém, para este artigo, só irei me ater às duas primeiras, sendo elas:

1) Quais são as possibilidades que você encontrou para que o fazer musical esteja presente nas suas aulas?

2) Quais são as dificuldades que se encontra para que esse fazer se mantenha ao longo das aulas?

A partir dessas perguntas, obtive registros de respostas bastante variadas e outras em comum, durante a análise dos dados.

As possibilidades

A primeira pergunta da entrevista teve por objetivo relatar o que os professores encontraram de possibilidades para que o fazer musical estivesse presente nas suas aulas. As respostas que foram expostas são baseadas nas experiências em sala de aula, que esses professores adquiriram ao longo de sua carreira docente.

A primeira possibilidade encontrada para que o fazer musical estivesse presente nas aulas, com maior recorrência na fala dos entrevistados, foi a criação de um clima favorável, em sala de aula, para que os alunos fiquem a vontade para fazer música, apontada pelos professores: Vitor, Karina e José.

O professor Vitor afirma que para um trabalho com fazer musical é necessário que os alunos estejam com vontade de cantar, tocar e se isso não acontecer em sala de aula, a primeira possibilidade que encontrou foi a de perceber como se poderia criar um clima favorável, para que os alunos tenham vontade e estejam à vontade para fazer música.

Já o professor José diz que é necessário ser um professor criativo, que saiba promover desafios a seus alunos, tornando o ambiente da sala de aula agradável para se aprender, se desenvolver e, principalmente para fazer música.

Por fim, a professora Karina afirma que permitir uma vivência musical centrada no tempo em que esse aluno vive é fundamental para criar um ambiente que ele se sinta a

vontade e também se sinta parte do que está sendo ensinado. Uma alternativa, para esse professor, é fazer releituras de coisas do passado, trazendo para a atualidade.

A segunda possibilidade, mais recorrente na fala dos entrevistados, foi de que é necessário ter um conjunto de metodologias de ensino que sejam eficazes para aprendizagem dos alunos.

O professor Vitor diz que encontrou, no acumulo de sua experiência, metodologias de ensino que lhe trouxeram recursos suficientes para conseguir fazer música com seus alunos.

A professora Karina fala que “as metodologias são interessantes, faça uma mistura delas que você chega num caminho, mas a gente não deve se prender a isso. A minha possibilidade se deu muito de eu não me prender.” Então, um conjunto de metodologias pode ser eficaz, pois você tem a possibilidade de tirar elementos interessantes de cada uma delas, misturá-las e assim, montar uma metodologia de ensino envolvendo todas, visto que o mundo atual é muito transitório e, estar atento a essas mudanças, é importante para o professor, pois com essa mistura de metodologias, parece ser mais fácil se adequar a essas mudanças, visto que, você não precisa seguir um ensino linear (FONTERRADA, 1997 apud LOUREIRO, 2004) de uma determinada metodologia, e com essa mistura o professor pode equilibrar um ensino linear, ordenado, com o não linear, se baseando na sua experiência intuitiva (vendo o que está dando certo ou não), criativa e se adequando ao que é atual, no mundo de seus alunos.

Por fim, o professor José diz fazer uma mistura de metodologias diferenciadas das que a professora Karina expõe, somando-a com metodologias próprias que desenvolveu para ensinar, por exemplo, notas musicais.

A outra possibilidade, que os professores encontraram para trabalhar o fazer musical na sala de aula, foi de haver um diálogo entre a cultura musical do aluno e a cultura musical do professor, ou seja, o professor precisa entender essa cultura musical que seu aluno já tem, e vem com ela para a escola e, com isso, desenvolver um trabalho que abranja a sua cultura junto com a dele, onde ambas se enriquecem, o que Paulo Freire (1987) denomina como síntese cultural.

O professor Carlos diz que a possibilidade que encontrou para trabalhar com esse fazer musical foi tentar dialogar com as práticas musicais que já havia dentro da escola em que ele é

professor, como a prática musical dos DJ's. E, ele precisou saber dialogar com essas práticas, para assim conseguir desenvolver um trabalho interessante e que os alunos se identificassem.

Já a professora Karina comenta que a nossa cultura tem a sua identidade musical, que se modifica ao longo do tempo e os alunos acompanham essa mudança. Completa dizendo: "Então a música que toca hoje no rádio, na novela, sabe, em diversos lugares, no *YouTube*, é a música que essa juventude demanda. Nossa parte é enriquecer esse repertório, com outras coisas." O papel do professor é trazer algo da sua cultura musical para a cultura de seu aluno, possibilitando que ambos vivenciem algo diferente. O professor precisa fazer uma releitura da música de sua cultura, para uma linguagem atual, onde seu aluno irá compreender e se sentir parte desse aprendizado, como já dito anteriormente.

O professor Vitor aponta outra possibilidade que encontrou para o fazer musical em sala de aula: a disponibilidade de recursos materiais, ou seja, instrumentos musicais, que tinham nas escolas que trabalhou e, atualmente onde trabalha. Diz que em algumas tinham poucos e em outras tinham bastante, mas sempre encontrou alguns recursos desse tipo para trabalhar.

E, ele completa sua fala dizendo:

E, é um tipo de recurso que não é caro pra formar, é só ter vontade política na escola, que a escola consegue e a vontade política da escola depende da vontade do professor. Se tiver alguém que vai batalhar pra que a escola tenha recursos, na disciplina Música, é o próprio professor de Música. E, nem sempre é brigando ou só choramingando e reclamando não, tem que ter ações inteligentes, politicamente inteligentes, pra que isso aconteça.

Já o professor José encontrou, também, no canto uma possibilidade para ter a presença do fazer musical em sua aula. Diz, que pela facilidade do cantar e, por esse canto ser produzido pela voz dos alunos, os quais carregam esse instrumento para onde vão, não surge a dificuldade de verba para compra de instrumentos, a falta de lugar para guardá-los, entre outros problemas, além de descobrir que daria para desenvolver um trabalho bastante interessante com o canto, dividindo em duas ou mais vozes.

Esse mesmo professor também encontrou na flauta doce outra possibilidade de trabalho musical, por dois motivos: "pela facilidade de ter uma flauta doce e, pela facilidade do

próprio instrumento” e em pouco tempo se consegue desenvolver algum trabalho musical com esse tipo de flauta.

Por fim, a última possibilidade que eu pude encontrar nas falas desses professores entrevistados, foi a duração da disciplina no colégio, onde a professora Karina diz que “as possibilidades, elas primeiro surgiram quando eu vislumbrei essa extensão da disciplina, essa duração, melhor dizendo, da disciplina.”, onde percebeu a possibilidade de desenvolver uma vivência musical mais efetiva, visto que a disciplina Música, em sua escola, se estende do 1º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio.

As dificuldades

A segunda pergunta da entrevista, assim como a primeira, também teve por objetivo relatar o que os professores encontraram de dificuldades para que o fazer musical estivesse presente durante as suas aulas.

A dificuldade mais recorrente na fala dos professores foi o fato de ter alunos acelerados e com déficit de atenção na escola, apontada pela professora Karina e pelo professor José.

A professora Karina menciona que a culpa dessa aceleração dos alunos é por conta desse mundo em que vivemos, que também é um mundo acelerado, onde tudo é muito rápido, e o indivíduo faz várias coisas ao mesmo tempo. Ela diz:

A dificuldade é que hoje a gente vive uma cultura que coloca essa criança, esse adolescente num processo de aceleração. A gente, ninguém tira da minha cabeça, a gente tem tanto caso de déficit de atenção, porque o menino ele tá com a televisão ligada, com um *tablet* na mão, celular na outra, computador ligado. Ele faz várias coisas ao mesmo tempo. Então, ele quer desfrutar de tudo ao mesmo tempo, mas ele não desfruta com intensidade, profundidade e qualidade, de nada. [...] A gente vive hoje num mundo que é isso, são várias coisas acontecendo ao mesmo tempo e as pessoas acham que tem que proporcionar pros seus filhos, tudo ao mesmo tempo, às vezes. Não sei, mas acho que isso influencia nos 50 minutos de aula. Mesmo se fossem 100.

Então, esses alunos, extremamente acelerados, demoram muito tempo para se acalmarem ao entrar na sala de aula e tem uma grande dificuldade para se concentrar, o que também faz se perder muito tempo em cada aula, até que ela consiga trazer a atenção de todos

para o que será feito em sala. Diz ainda, que a dificuldade não é nem do fazer musical em sala de aula, e sim o tempo de aula, que com essa falta de concentração dos alunos, acaba sendo curto.

O professor José diz que a questão comportamental dos alunos é complicada para trabalhar com esse fazer musical, visto que, alguns alunos são muito bagunceiros e atrapalham a aula, outros se excluem e não querem participar das atividades propostas por ele.

Outra dificuldade, mais recorrente na fala desses professores, foi a de manter os alunos estimulados para que esse fazer musical permaneça durante a aula.

O professor Vitor fala que “o fazer musical precisa de empolgação”, então quando se consegue fazer com que os alunos cantem, ou toquem, estejam estimulados e empolgados para fazer música, para fazer o que está sendo proposto pelo professor, na aula, é muito interessante e importante para que o fazer musical esteja presente durante as aulas, mas quando isso não acontece e esses alunos não estão com vontade de fazer música, é o que gera essa dificuldade de como mantê-los estimulados e dispostos a trabalhar música em sala de aula.

O professor José diz, também, que a dificuldade que encontra é manter o interesse desses alunos, conseguir desenvolver um trabalho que seja agradável e interessante para os alunos, para que não se desestimulem e achem chata a aula de música.

O professor Vitor também encontrou outra dificuldade para esse fazer musical. Ele diz que:

A falta de isolamento acústico, também, é uma dificuldade. Você quer desenvolver determinadas atividades, que você acaba atrapalhando colegas de outras disciplinas. Muitas vezes, eles pedem pra... Pra diminuir o volume e claro, a gente tenta fazer o possível, porque a gente precisa fazer barulho, mas, também, se importa que não atrapalhe o trabalho de outros colegas. Isso tudo, por causa da falta de isolamento acústico, que é outra dificuldade, né.

Esse mesmo professor completa sua fala, apontando mais uma dificuldade que é a falta de acústica nas salas de aula, afirma que:

A acústica das salas é um problema. Aqui na escola, por exemplo, quando não se dá aula na sala de música, a gente sente uma dificuldade com a acústica das salas comuns de aula. No caso aqui, muito perto de uma lagoa, com muito

barulho de carro, difícil de projetar a voz e, também a acústica dos instrumentos nem sempre é a melhor, é uma dificuldade.

Por fim, a última dificuldade que encontrei presente na fala de um dos entrevistados foi a falta de recursos materiais, de instrumentos musicais. O professor José afirma que essa falta de equipamentos, de materiais, de instrumentos musicais dificulta seu trabalho, pois precisa levar os seus, ou comprar com o seu dinheiro, limitando o trabalho, dificultando até que os alunos se mantenham interessados pela matéria, pois a presença de recursos materiais facilitaria muito mais o desenvolvimento e estímulo dos alunos para fazer música.

Conclusão

Os dados coletados nesta pesquisa e o diálogo feito com os itens da literatura nos demonstram que o professor tem um papel muito importante para que o fazer musical esteja presente na sala de aula, ou seja, é essencial que ele desenvolva atividades que possibilitem ao seu aluno ter uma experiência musical efetiva, “colocando a mão na massa”, fazendo música, de forma que essas atividades se incluam à cultura musical que seu aluno já tem, não desmerecendo-a e nem ignorando-a, apenas complementando-a.

Quando consegui ter um panorama geral de todas as possibilidades e dificuldades que os professores entrevistados encontraram, para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas, compus uma tabela e, então, descobri quantas possibilidades e dificuldades essa investigação trouxe. A tabela ficou assim:

Tabela 1: Possibilidades e dificuldades para o fazer musical estar presente na aula de Música.

Possibilidades	Dificuldades
1. Criação de um clima favorável para que os alunos fiquem à vontade para fazer música.	1. Alunos acelerados (por conta desse mundo muito informatizado e acelerado) e com déficit de atenção.
2. Conjunto de metodologias de ensino eficaz para o fazer musical.	2. Manter os alunos estimulados.
3. Recursos materiais (instrumentos musicais) disponíveis.	3. Isolamento acústico inexistente na sala de aula.
4. O canto.	4. Falta de acústica nas salas de aula.
5. A flauta doce.	5. Falta de recursos materiais
6. A duração da disciplina no colégio.	

7. Diálogo entre a cultura musical dos alunos e a cultura do professor.	(instrumentos musicais).
---	--------------------------

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao terminar essa tabela pude perceber que havia sete possibilidades ao lado de cinco dificuldades. No momento que fiz essa constatação, fiquei muito esperançosa, pois ouvimos tanto sobre o quanto é difícil ser professor e, principalmente, professor de Música, porque não se tem material para trabalhar, não valorizam a disciplina na escola, enfim, tantos são os relatos que se ouve, que até nos deixamos levar. Porém, com a conclusão deste trabalho pude ver que os professores participantes dessa pesquisa encontraram mais possibilidades e soluções, do que dificuldades e problemas para a presença do fazer musical em sala de aula.

Essa conclusão muito me motiva, enquanto recém-formada professora de Música, pois ver professores experientes, atuando em escolas por anos, encontrarem mais soluções do que problemas para que o fazer musical estivesse presente nas suas aulas, mesmo com todas as particularidades que a escola tem, me faz acreditar que, não só eu, mas todos os futuros professores de Música, também, são capazes de desenvolver um trabalho interessante, quando estiverem atuando como professores, em alguma escola.

Por fim, encerro esse artigo com uma frase de Oscar Morales e Nedison Faria, que resume, basicamente, esse assunto de fazer musical e espaço escolar: “Através do nosso trabalho conseguimos demonstrar que fazer música é uma atividade natural, se educador e educando estiverem trabalhando juntos e igualmente motivados” (MORALES; FARIA, 2001, p. 4).

Referências

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A formação profissional do educador musical: algumas apostas.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, p. 17-24, mar. 2003.

_____, Claudia Ribeiro; BEINEKE, Viviane. **Aprendendo a planejar: um estudo sobre a construção do conhecimento prático por estagiários de educação musical na UDESC/SC e na UFSM/RS.** In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abem, 2005. p. 1-7. 1 CD-ROM.

BUENO, Paula; BUENO, Roberto. **Uma proposta metodológica para se ensinar música musicalmente.** EDUCERE, Paraná, p. 8430-8433, out. 2009.

DEL-BEN, Luciana. **Sobre ensinar música na educação básica: ideias de licenciandos em música.** Revista da ABEM, Londrina, V.20, N.29, p. 51-61, jul.dez 2012.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. **Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 15, p. 67-79, set. 2006.

FRASER, Marcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Bahia: Paideia, 14 (28), p. 143-145, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 104-107, 1987.

GAULKE, Tamar Genz. **Aprendizagem da docência: um estudo com professores de música da educação básica.** Revista da ABEM, Londrina, V.21, N.31, p. 91-104, jul.dez 2013.

LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. **A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, p. 65-74, mar. 2004.

MORALES, Oscar; FARIA, Nedison. **Educação, música e investigação-ação: produzindo o sorriso na escola.** Revista do Centro de Educação da UFSM. Santa Maria. V. 26, n. 1, jan./jun. 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4752>>. Acesso em 23 dez. 2016.

PERES, Douglas Rocha. **Escola que tem professor de música é outra coisa: um debate sobre as práticas docentes em Educação Musical no Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro.** 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Rio de Janeiro. 2015.

SALGADO, José Alberto; GANC, Davi; ERTHAL, Júlio; PERES, Leonardo; GREGORY, Jonathan.
Refletindo sobre a interlocução em pesquisas com música. Debates UNIRIO, Rio de Janeiro, n.
12, p. 93-105, jun. 2014.

SWANWICK, Keith. **A basis for music education.** London: Routledge, 1979.